

César Esteves

Na localidade da Kilunda, situada na comuna da Funda, município de Cacuaco, em Luanda, vive-se uma realidade difícil de ser compreendida.

Das mais de 15 mil famílias aí residentes, apenas um número bastante insignificante dispõe de uma casa de banho no interior da sua residência. As pessoas preferem recorrer às matas para defecar e à sala e ao quarto para tomar banho. A falta de dinheiro para mandar cavar o buraco para a construção da fossa, aliada ao facto de a terra ser muito dura (é argila), é apontada, pelos moradores, como a principal razão que os desmotiva a construir um WC.

“É mais fácil construir o quarto, a sala e a cozinha do que o WC”, referiu o morador João Manuel. O custo para mandar cavar uma fossa, segundo contou, ronda os 20 mil kwanzas, valor que disse não estar ao alcance da maioria dos moradores da localidade, maioritariamente camponesa.

Paradoxalmente, muitas famílias nessas condições dispõem, em suas casas, do serviço de televisão por satélite, vulgo parabólica, levando-os, em alguns casos, a gastar 3.295 kwanzas, por mês ou 39.540, por ano. Benjamim Afonso, por exemplo, gastou 158.160 kwanzas, em quatro anos.

A zona foi contemplada com a luz da rede pública.

Benjamim Afonso, um dos moradores que preferiu ter o sinal de televisão em casa, em detrimento de uma casa de banho, contou à reportagem do *Jornal de Angola* que tomou tal decisão por não dispor de condições financeiras para erguer uma. “Comprei a parabólica para a família não ficar muito isolada”, frisou.

João Manuel, cujos 70 anos de vida foram todos completados naquele bairro, revelou que o hábito de não construir casas de banho vem de longe e foi passando de geração em geração.

O ancião disse que os primeiros habitantes da zona deixavam, propositalmente, de construir casas de banho, porque se sentiam mais confortáveis a defecar nas matas ou nas montanhas.

“Mas, agora, estamos a ver que as casas de banho fazem muita falta”, admitiu.

O morador referiu que a prática de defecar ao ar livre tem provocado, sobretudo no tempo chuvoso, muitos casos de febre tifóide e diarreia na zona.

“As moscas, depois de poisarem nas fezes, transportam as bactérias para as nossas casas”, realçou.

Preocupado com a situação, uma instituição filantrópica construiu, naquela localidade, várias latrinas para impedir o surgimento de algum flagelo.

“São poucas. Não chegam para toda a gente”, disse o mais velho João Manuel, acrescentando que muitas delas se encontram, hoje, inoperantes, devido ao mau estado.

As famílias com casa de banho nas residências nem



ALBERTO PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO

■ MORADORES DA KILUNDA “FAZEM AS NECESSIDADES” AO AR LIVRE

Onde quem tem casa de banho é rei

Mil milhões de pessoas ainda defecam ao ar livre. Em Angola, há zonas onde moradores não têm casa de banho, obrigando-os a fazer as “necessidades” no capim. Hoje, assinala-se o Dia Mundial da Casa de Banho

— ■ —
O custo para mandar cavar uma fossa, segundo contou, ronda os 20 mil kwanzas, valor que disse não estar ao alcance da maioria dos moradores da localidade, maioritariamente camponesa. Paradoxalmente, muitas famílias nessas condições dispõem, em suas casas, do serviço de televisão por satélite, vulgo parabólica

sempre aceitam ser solidárias com as que não têm, por entenderem que as que se encontram nessas condições são negligentes.

Bater a porta de um vizinho com casa de banho, segundo contou o morador Manuel Tchukúlia, nalguns casos, para pedir ajuda, é considerado crime. “Aqui, quem tem casa de banho é rei”, aclarou.

Nas poucas casas onde se pode encontrar um WC, estes também clamam por melhores condições. Só a maior das necessidades levaria alguém a utilizar o lugar.

Devido ao acto de defecar ao ar livre, há três anos, o bairro foi assolado por um surto de cólera, que chegou a vitimar mortalmente alguns membros da comunidade.

“Aproximadamente dez pessoas terão morrido naquele período”, recorda Baptista João da Silva, pre-

sidente da Comissão de Moradores do bairro Kilunda.

O responsável salientou que o bairro continua a registar, até hoje, por culpa dessa situação, muitos casos de febre tifóide, diarreia e paludismo. Baptista João da Silva confirmou a informação segundo a qual muitas famílias deixam de construir

casas de banho devido à falta de dinheiro.

“O valor para a construção de uma casa de banho não está ao alcance de muitas famílias”, confirmou.

O mesmo problema verifica-se nos bairros “Terra Branca” e “Kuta”, adjacentes à Kilunda. A situação tem impedido muitas famílias

de receber visita. “Os nossos familiares pensam duas vezes para vir aqui, por não termos casa de banho”, contou, a rir, um morador.

Não se sabe, ao certo, há quanto tempo existe o bairro Kilunda, mas alguns moradores falam em mais de 60 anos. A maioria das casas, um total de 600, é de adobe.



Limpam fossas por necessidade e esperam por algum respeito

Se na Kilunda as famílias batem-se por uma casa de banho, em Luanda, os profissionais que se dedicam ao trabalho de desobstrução de tubos de fossas sofrem com a discriminação e a desvalorização.

Paulo Nataniel, 42 anos, Celestino António (41) e João Praia (44) decidiram abraçar o trabalho de saneamento por não terem outra alternativa. Disseram que o trabalho, apesar de constituir a principal fonte de sustento das famílias, lhes tem custado muito caro.

“Ainda vivemos numa sociedade bastante ignorante, que chega a pensar que o único trabalho digno de ser feito é do escritório”, lamentou um deles.

Há oito anos a fazer o trabalho, que envolve também, em alguns casos, a limpeza de fossas, João Praia referiu que, certa vez, ao desentupir o tubo da fossa de uma instituição, foi barbaramente dis-

criminado por uma mulher, por sinal empregada de limpeza, nos seguintes termos:

“Se o meu namorado aceitasse fazer esse trabalho, ainda que me desse uma mesada de mil dólares, o deixaria no mesmo dia”, lembra, com tristeza.

Embora já se tenha passado algum tempo, desde que ouviu o insulto, o cidadão diz estar ainda traumatizado. Confessou ter dificuldade para falar do trabalho que faz, porque teme ser discriminado.

João Praia apontou o cheiro das fezes como o principal problema do trabalho.

“Apesar de já estar a fazer este trabalho há um tempo, ainda não me acostumei ao cheiro”, frisou.

Muitos colegas que faziam o mesmo trabalho, prosseguiram em casa, acometidos de infecção pulmonar. Ele acredita que a doença dos

colegas foi provocada pelo trabalho que fazem.

Celestino António faz o mesmo trabalho há 12 anos e, diferente do seu colega, disse não ter receio de assumir, porque parte do princípio de que não está a roubar a ninguém.

“É o único pão que tenho. Não posso me envergonhar dele”, realçou, reconhecendo que também já foi alvo de discriminação.

Paulo Nataniel, por sua vez, confessa não ter sido fácil nos primeiros dias, devido à especificidade do trabalho.

“Não é fácil ver dejectos alheios. Só mesmo a necessidade de sustentar as nossas famílias nos leva a fazer isso”, sublinhou.

Paulo Nataniel contou que, certa vez, enquanto limpava a fossa de uma casa, um dos membros da família decidiu usar a sanita.

“Se não estivesse atento, o



A data e os números

Assinala-se, hoje, o Dia Mundial da Casa de Banho. A data é comemorada desde 2001 em vários países do mundo. Também conhecida como Dia da Sanita, foi oficialmente reconhecido pelas Nações Unidas, em 2013, e visa alertar a população para o facto de mais de 2,4 mil milhões de pessoas não terem acesso a uma casa de banho limpa, segura e privada. A data tem como objectivo destacar a importância do saneamento básico para a saúde global.

Estudos apontam que 1 em cada 3 pessoas não dispõe de casa de banho que assegure boas condições de higiene e segurança. Mais de 700 mil crianças morrem todos os anos devido à diarreia causada por águas poluídas e más condições sanitárias, tendo provocado perto de 2000 mortes por dia.

Em todo o mundo, existem mais pessoas com telemóvel do que com sanita. Mais de 60 milhões de crianças nascem em casas sem saneamento. 7.500 pessoas morrem diariamente por falta de saneamento, entre as quais 5.000 são crianças com menos de 5 anos.

272 milhões de dias de escola são perdidos por ano devido a doenças relacionadas com o saneamento. Apenas 47% das escolas nos países em desenvolvimento oferecem adequadas condições sanitárias.

Alguns países perdem 7% do PIB com problemas de saúde relacionados com a falta de condições sanitárias. Dois milhões de toneladas de dejectos humanos vão todos os dias para fontes de água, contaminando-as e mil milhões de pessoas ainda defecam ao ar livre.

dejecto cairia todo por cima de mim”, lembrou. Neste dia, continuou, ponderou colocar um ponto final naquele trabalho. “Não foi fácil”, acentuou.

Miguel Ricardo dedica-se à limpeza da casa de banho de uma instituição comercial no centro da cidade. Disse estar nisso há nove meses. Contou que muitos usuários do espaço não o respeitam, apesar de ser a pessoa que garante a higiene do lugar que eles utilizam.

“Há pessoas que entram aqui e não se preocupam, sequer, em oferecer um bom dia. É como se eu fosse invisível”, lamentou.

Como agravante, salientou, há muita gente que faz uso das casas de banho e não coloca água, tarefa que depois acaba por sobrar para eles.

“É uma autêntica falta de respeito. Apesar de trabalhar nessa área, também merecemos ser respeitados”, frisou.

■ MUNDO TRIBUTA TRABALHADORES DO SANEAMENTO

Todos vão à casa de banho, mas quem a deixa limpa só recebe desprezo

Um relatório aponta que em países de África, Ásia e América Latina as condições de trabalho são indignas, estando os trabalhadores que limpam esgotos, fossas ou casas de banho expostos a perigos extremos para a saúde, sem terem direitos sociais.

A maioria dos trabalhadores de saneamento, ou de limpeza sanitária, dos países em desenvolvimento estão privados dos direitos sociais

e trabalham em condições indignas e inseguras. A conclusão está patente num relatório conjunto da Organização Internacional do Trabalho (OIT), do Banco Mundial, da Organização Mundial da Saúde e da WaterAid, agora apresentado para assinalar o Dia Mundial da Casa de Banho, que é comemorado a 19 de Novembro.

A investigação seguiu os trabalhadores de limpeza sanitária do Bangladesh,

Bolívia, Burquina-Faso, Haiti, Índia, Quênia, Senegal, África do Sul e Uganda. Englobados neste grupo profissional estão os trabalhadores envolvidos na limpeza de casas de banho, esvaziamento de fossas sépticas, limpeza de esgotos e de estações de tratamento de resíduos.

De acordo com o relatório, uma grande parte destes trabalhadores estão na economia informal e como tal

encontram-se privados dos direitos laborais e de qualquer protecção social.

Os esforços que têm sido produzidos para alterar a situação são limitados e, dizem os investigadores, é preciso fazer mais para desenvolver e documentar boas práticas, criar normas e regulamentos, com a finalidade de melhorar as condições de trabalho.

“Há uma falta de políticas, de legislação e de regu-

lamentos em torno dos trabalhadores. E onde existem leis tendem a ser fracas e cobrem apenas certos tipos de trabalhadores ou não possuem o mecanismo de financiamento ou de aplicação”, disse Alette van Leur, directora do Departamento de Políticas Sectoriais da OIT.

Estes trabalhadores, alertam os responsáveis deste estudo, estão tipicamente sob alto risco de patógenos

fecais no seu trabalho diário. Além disso, também podem ser expostos a riscos químicos e físicos.

Os trabalhadores que limpam esgotos de forma manual, por exemplo, estão expostos a sérios riscos de saúde, como a cólera, a febre tifóide e a hepatite, além de gases tóxicos, como amónia e monóxido de carbono. Nos países do Sul da Ásia, a limpeza manual de esgotos é generalizada.

“Morrem pessoas todos os dias”

“As pessoas estão a morrer todos os dias por falta de saneamento e devido a condições perigosas de trabalho. Não podemos permitir que isso continue”, afirma Tim Wainwright, CEO da WaterAid.

As condições de trabalho inseguras são também comuns a trabalhadores que fazem limpeza manual de fossas sépticas e latrinas, bem como os que operam em empresas que prestam manutenção a esgotos, estações de bombeamento e trabalhos de tratamento de águas residuais, onde a formação dos trabalhadores é, por norma, insuficiente ou inexistente.

Perante estas conclusões, os autores do relatório apresentam quatro grandes recomendações. Em primeiro, apontam a necessidade de reforma de políticas, de legislação e de regulamentos para profissionalizar a força de trabalho no sector. Outra medida passa pelo desenvolvimento e adopção de directrizes operacionais para avaliar e mitigar os riscos ocupacionais de todos os tipos de trabalho ligados ao saneamento.

Defender os trabalhadores e promover o seu empoderamento, para protecção dos seus direitos e documentar os desafios que enfrentam são as outras recomendações. Também é pedido aos governos que ratifiquem e implementem as convenções de Segurança e Ocupação da OIT relacionadas com trabalhadores do saneamento.

“Todas as pessoas vão à casa de banho e todo o mundo corre o risco de doenças mortais transmitidas pela água, se o lixo não for tratado adequadamente. Os trabalhadores de saneamento, portanto, desempenham alguns dos papéis mais importantes em qualquer sociedade”, disse Tim Wainwright, CEO da WaterAid.

Este dirigente da ONG conclui que “é chocante, portanto, que os trabalhadores de saneamento sejam forçados a trabalhar em condições que põem em risco a sua saúde e a sua vida. Têm de lidar com o estigma e a marginalização, em vez de dispor de equipamentos adequados e de reconhecimento pelo trabalho que salva vidas”.



Sem casas de banho adequadas é muito fácil a contaminação das águas com o lixo não tratado